MEMÓRIAS DISCURSIVAS CIRCULANDO EM REDES

Adriana Leal de Andrade (UNEB)
a.adrianalv@gmail.com
Gilberto Nazareno Telles Sobral (UNEB)
gilbertosobral@bol.com.br

RESUMO

O presente artigo visa, à luz da análise de discurso de linha francesa filiada a Pêcheux, analisar a formação discursiva que interpela os sujeitos administradores da *fanpage* "Moça, você é machista? Sim, com muito orgulho" situados na plataforma do *facebook*. Para esta análise, foi realizado um recorte da *fanpage* que consistiu em: capa; perfil; título e assunto da *fanpage* que são os elementos que identificam a temática abordada pelos administradores. O recorte realizado contribuiu para descortinar a linguagem, a qual, de acordo com a análise de discurso não é transparente, e revelar a ideologia que reside no interior do discurso. Assim, notamos que a ideologia que constitui a base para os discursos proferidos na *fanpage* é a religiosa. Ela representa a memória onde os sujeitos buscam as referências em defesa da causa que propõe, isto é, nessa memória os sujeitos buscam os discursos para contrariar o radicalismo do movimento feminista que para os administradores tendem a segregar o homem e a descaracterizar e desarmonizar o núcleo de família (pai, mãe e filhos) estabelecido pela igreja. Nesta análise chega-se a conclusão de que todos os discursos e imagens utilizadas fazem parte de um já-dito em algum lugar/tempo social e que os sujeitos as retomam para contraidentificar-se com formação discursiva do feminismo.

Palavras-chave: Análise do discurso. Memória. *Fanpage*. Machismo.

1. Introdução

O presente artigo originou-se a partir da indagação de uma *fanpage* da rede social *Facebook* que se qualifica como defensora de uma causa, a qual, é intitulada como "Moça, você é machista? Sim, com muito orgulho". Após uma revolução das mulheres com o movimento feminista e as discussões sobre o mal que atitudes machistas provocaram e ainda provocam; tanto a pergunta, quanto a resposta nos causa espanto. Afinal, porque um grupo de pessoas, algumas destas mulheres, criaria uma *fanpage* em defesa do machismo?

Diante disso, iniciou-se, à luz da Analise de Discurso de linha francesa (análise de discurso) filiada a Pêcheux, a pesquisa cujo objetivo é analisar quais ideologias interpelam os sujeitos organizadores da *fanpage*, quais formações discursivas estão sendo utilizadas e como esse discurso foi construído na página do *facebook*. O objeto da pesquisa ana-

lisado neste artigo é o enunciado delimitado na capa da *fanpage*, foto do perfil, o título da página e o assunto da página que são os elementos que identificam a *fanpage* e a formação discursiva inicial do grupo:

Em seguida, a fim de obter mais informações sobre os discursos que circulam na página, buscou-se, por meio de uma observação direta, conhecer a *fanpage*, identificar que tipo de postagens eles compartilham e que público curte a *fanpage*.

A observação contribuiu para obter uma visão geral da página, assim é que foram identificados os staffs (administradores) dessa página, os quais são formados por um grupo de oito pessoas despostos com os seguintes pseudônimos: Dronets, Badass, Cristine, Joss, Caos, Bia, Trator, Lorena.

As postagens que os administradores costumam fazer estão vinculadas, em sua maioria, ao aborto, ao corpo e ao comportamento de mulheres consideradas "socialmente imorais", bem como, a diferença dos discursos feministas direcionados a homens e a mulheres, onde discursos feministas são considerados pelo grupo como enunciados de mulheres que se alto vitimizam para obtenção de benefício próprio, assim, eles colocam esses discursos paralelamente ao comportamento masculino de forma a exaltar a conduta do homem e a desqualificar os discursos feministas. A maioria dos *posters* da *fanpage* aqui estudada é sustentada pelo discurso religioso. É nessa memória discursiva que os sujeitos dessa *fan-*

page vão buscar as formações discursivas que fazem sentido a sua forma-sujeito e possam ser útil para contraidentificar os discursos feministas.

Ao analisar o título da *fanpage* sob a luz da análise de discurso, observa-se que a memória social é visitada e o discurso é retomado/regularizado ao utilizar o termo "Moça" que retoma formações discursivas de matriz religiosa como a valorização da castidade ou a condenação da luxúria. Dessa forma, sabe-se de que lugar o sujeito fala e o que pode e deve ser dito dentro da formação discursiva que o afeta. A pergunta e a resposta determinam a formação discursiva com a qual ocorre o questionamento e como consequência a contraidentificação, nos termos da análise de discurso. Sendo assim, a forma-sujeito adquire um efeito-sujeito conflitante e questionador dos saberes da formação discursiva feminista e se constrói em forma de resposta e de provocação a estes saberes.

A *fanpage* também retoma/reorganiza em sua formação discursiva o provérbio "Quem é rei nunca perde a majestade" e estabelece uma relação analógica entre o rei e o leão ao expor a imagem deste surgindo da escuridão. O leão visto como rei não é um discurso novo, mas, o sujeito acreditando ser a origem do discurso, esquece-se disso e o reproduz no espaço/tempo da condição de produção em que se encontra. Daí ele reutiliza-o para contra argumentar a formação discursiva feminista, nessa relação o leão representa a força e também a razão, além de estabelecer os lugares em que homem e mulher devem estar na sociedade – já que o comportamento do leão e da leoa é semelhante ao de uma família patriarcal -, ao mesmo tempo em que, naturaliza essa relação de poder em que a mulher deve ser a frágil, a quem cuida dos filhos e do marido, enquanto o homem é naturalmente o rei e, por isso, detém a razão.

A mão fechada em punho, como se estivesse dando um soco, é utilizada no perfil e significa o xeque mate da contra-argumentação do discurso proferido pela *fanpage*. Os textos e imagens que representam o perfil da *fanpage* estão interligados semanticamente, portanto, isso denota que eles dialogam entre si e representam discursivamente a ideologia que os interpelam.

2. Considerações teóricas

A teoria que serve de base para este artigo é a análise de discurso de linha francesa filiada a Pêcheux (1988). Para ele o sujeito é constituído em duas noções: a do inconsciente e o da ideologia. Estas noções es-

tão intrinsecamente relacionadas, isso significa que o sujeito em sua constituição social é interpelado pela ideologia, mas não a reconhece, pois é ao mesmo tempo, constituído em sua psique pelo inconsciente, trata-se, portanto, de um sujeito que não é a origem de seu discurso por ser duplamente afetado. Em análise de discurso, o sujeito é concebido como um sujeito histórico e ideológico que produz seu discurso sob a ilusão de que é a origem do que diz (cf. ORLANDI, 2000, p. 35). Esta ilusão procede pelo fato da formação discursiva – definida como aquilo que determina o que pode e deve ser dito numa dada formação ideológica – estar no plano do inconsciente, o sujeito, portanto, imagina serem dele os discursos, mas é, de fato, um discurso já preexistente.

Logo, se os discursos preexistem, podemos afirmar que eles se repetem e, de acordo com Pêcheux (1988), se há repetição é porque a memória, que é social, é retomada e regularizada, por meio de relações parafrásticas no interior de uma formação discursiva. No entanto, para análise de discurso, a repetição nem sempre se dá de forma idêntica ao já-dito, ao contrário, pode ocorrer um deslizamento dos dizeres se o sujeito do discurso contraidentificar-se ou mesmo desidentificar-se com uma formação discursiva, pois, de acordo com Pêcheux, "um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro". (PÊCHEUX, 1983/1990, p. 53)

É essa a noção de memória estabelecida pela análise de discurso. Vista dessa maneira, portanto, a memória comporta todos os dizeres, suficientemente porosos, de modo que, as formações discursivas possam interagir umas com as outras, de tal forma, que possam ser retomadas sem necessariamente serem idênticas ao já-dito para que dentro de uma condição de produção o pré-construído – que também são discursos que possui todos os sentidos -, possam passar pelo filtro de uma formação discursiva, e consequentemente adquirir apenas uma definição que faça sentido para a forma-sujeito do sujeito do discurso.

Ainda a respeito desse conceito é preciso discorrer um pouco sobre o interdiscurso. Orlandi (2000) diz que "o interdiscurso funciona como a memória do dizer", sendo assim, podemos retomar a fala de Pêcheux (1975/1988, p. 162) que propõe

> chamar de interdiscurso a esse "todo complexo com dominante" das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1975/1988, p. 162)

O interdiscurso, portanto, comporta todos os dizeres e sentidos já construídos socialmente e, assim sendo, o pré-construído que é um elemento discursivo que se encontra no interior do interdiscurso, também carrega em si todos os discursos já formulados, isto é, uma palavra não terá apenas um sentido, mas todos os sentidos que a ela um dia foi atribuído. Desse modo, para que as outras memórias sejam excluídas e o pré-construído tenha um único sentido, ele precisa ser filtrado pela formação discursiva, pois, é a formação discursiva que vai definir o que pode ou não ser dito dentro formação ideológica. Haroche citado por Brandão caracteriza formação ideológica como um elemento capaz de intervir como força confrontada com outras forças, numa dada formação social. Segundo esses autores,

> [...] cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' nem 'universais', mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relações às outras. (HAROCHE et al., *apud* BRANDÃO, 1986, p. 38)

Com esse conceito de formação ideológica podemos então citar Pêcheux (1988, p. 161) para dizer que "os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes", ocorre, portanto, a identificação do sujeito com a formação discursiva e esta identificação é resultado de uma forma-sujeito efetuada pela tomada de posição, nesse sentido, o sujeito toma consciência do objeto ao superpor sua identificação na identificação resultando, nesse momento, o desdobramento do sujeito. O que parece, no entanto, um sujeito dotado de unicidade é, na verdade, a produção de um efeito-sujeito, visto que o sujeito, que acredita ser o dono do discurso, o produz sob a ilusão da unicidade, sendo esta, apenas uma primeira modalidade de tomada de posição.

Acontece que o sujeito não está imune à mudança de posição no que tange a formação discursiva que sua forma-sujeito põe em ordem, ela pode se contrapor a esta formação discursiva e provocar uma tensão na e sobre forma-sujeito, nesse sentido, a desidentificação é parcial, pois o que ocorre é uma separação e não uma reduplicação. Há a possibilidade também, de o sujeito se desidentificar por completo de uma formação discursiva, movimentando-se para outra formação discursiva.

Em decorrência disso, pode-se afirmar que o sujeito da análise de discurso comporta uma formação discursiva que abriga em seu interior a diferença e a divergência, sendo ao mesmo tempo heterogenia e não

idêntica a si mesma. É sobre estes signos que a ideologia si inscreve e do mesmo modo a formação discursiva é atravessada por outros saberes que o torna ao mesmo tempo igual e diferente. Portanto, estamos diante de um sujeito fragmentado cuja Courtine citado por Indursky, "chamar-se-á domínio da forma-sujeito ... o conjunto das diferentes posições de sujeito em uma formação discursiva como modalidades particulares de identificação do sujeito da enunciação ao sujeito do saber...". (COURTINE, 1981, *apud* INDURSKY, 2008)

Sendo assim, a forma-sujeito pode tomar diversas posições-sujeito diferentes estabelecendo um contraponto com a posição-sujeito dominante que pode está no âmbito tanto do acontecimento discursivo que ocorre quando o sujeito do discurso se desidentifica com uma forma-sujeito passando a identificar-se com outra forma-sujeito como no âmbito do acontecimento enunciativo que representa uma contraidentificação com a forma-sujeito dominante sem com isso romper laços.

3. Memória em circulação nas redes sociais

A página "Moça, voçê é machista? Sim, com muito orgulho" é administrada por oito pessoas cujos pseudônimos são Dronets, Badass, Cristine, Joss, Caos, Bia, Trator, Lorena. Trata-se de uma *fanpage* que visa questionar e contra argumentar os discursos feministas, assim, a maioria das hipermídias[31] - que aqui são vistos como um gênero discursivo híbrido – refere-se a atitudes e comportamentos de sujeitos que quebram as regras patriarcais. Como essas regras determinam um único núcleo de família e de gênero, não apenas as mulheres são abordadas, mas também, toda a diversidade sexual e de gênero. Tal *fanpage* tem como objetivo também ir de encontro à outra *fanpage* cujo título é "Moça, você é machista", a qual defende o direito de mulheres. Nesse título, diferentemente da *fanpage* analisada neste artigo, há uma afirmação, um questionamento e uma tentativa de convencimento, isso significa que ao realizar tal afirmação é como se os administradores tentassem mostrar às mulheres que elas também são machistas e isso as prejudica, uma vez que, são elas mesmas que sofrem com tal ideologia.

[31]A hipermídia mescla o hipertexto com a multimídia. O prefixo *hiper*, na palavra hipertexto, refere-se à capacidade do texto para armazenar informações que se fragmentam em uma multiplicidade de partes dispostas em uma estrutura reticular. Através das ações associativas e interativas do receptor, essas partes vão se juntando, transmutando-se em versões virtuais que são possíveis devido à estrutura de caráter não sequencial e multidimensional do hipertexto. (SANTAELLA, 2014)

As hipermídias postadas pelos administradores da *fanpage* muitas vezes são agressivas e visam desprestigiar atitudes, comportamentos e pensamentos diferentes, daí temos, em sua maioria, seguidores do gênero masculino. Entretanto, observa-se também uma parcela menor de seguidores do gênero feminino. A partir de uma observação direta[32] da *fanpage* e de seus fãs temos que os sujeitos que curtem sem muito questionamentos são sujeitos identificados com a doutrina religiosa protestante ou católica, portanto, nas redes, serão esses sujeitos que irão "viralizar" tais discursos.

O contexto social é altamente propício para esse tipo de discurso, pois, apesar da sociedade estar vivenciando mudanças significativas nas estruturas convencionais, sobretudo a do conceito de família, ainda persiste a memória discursiva do patriarcalismo e da ideia de moral enquanto valores construídos através da cultura, da educação, da tradição que orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade. Tais valores encontram sua base na religião que, assim como antes, buscam cada vez mais poder de decisão e de convencimento perante a sociedade e para isso, infiltram-se, nos mais diferentes setores, um dos principais: o da política.

Além desse fator, as redes sociais proporcionam aos sujeitos associar-se com o maior número de pessoas imagináveis. É possível, a partir delas, comunicar-se e articular-se com diferentes pessoas com mesmos gostos, interesses e ideologias. Com isso, os discursos se fortalecem e aquilo que a princípio não poderia ser dito ganha liberdade, visto que encontram adeptos do discurso ou, segundo os organizadores, da causa.

A observação direta proporcionou perceber as principais formações discursivas com as quais, os staffs da *fanpage* se identificam, bem como, as que eles se contraidentificam. A principal formação discursiva em que há uma identificação refere-se à estrutura familiar que segundo os discursos provenientes dessa página, o feminismo radical tende a destruir, uma vez que, promove a segregação entre homens e mulheres, supervalorizam a mulher sobrepondo-a ao homem e, defendem e promovem movimentos como: a marcha das vadias, casamento gay, liberação sexual, defesa da legalização do aborto. Nesse contexto o corpo feminino sempre é alvo de discursão e a mulher de conduta dessemelhante posta como uma degenerada. Em alguns momentos, o próprio discurso femi-

[32]A observação direta é aplicada com base na Etnografia Virtual conceituada por alguns autores como Christine Hine, mas, neste artigo utilizamos como referência Amaral, Natal e Viana (2008).

nista é utilizado pelos usuários da *fanpage* como instrumento para desarticular e desconstruir o movimento feminista.

Essas são as condições de produção em que a formação discursiva da *fanpage* é construída. Nesse ponto, compreendemos, segundo as concepções de Pêcheux, que mesmo diante de discursos muito centrado na religiosidade, não se pode concebê-lo como dotado de unicidade, assim as formações discursivas comunicam-se numa relação sempre de força. Os discursos se estabelecem numa luta constante, de argumentos em que há sempre um dominante. Portanto, os sujeitos se localizam no lugar da contraidentificação, visto que é ela que produz a tensão na e sobre a forma sujeito.

4. Análise da construção fraseológica "Moça, você é machista? Sim com muito orgulho"

A locução "Moça, você é machista? Sim, com muito orgulho" que identifica a *fanpage* é antes de tudo uma provocação a mulheres feministas radicais. A retomada da memória da ideologia machista na pergunta e na resposta soa como uma afronta e um revide às imposições feministas. A pergunta iniciada pelo vocábulo "Moça" determina o gênero de quem responde, ou seja, é direcionada a uma mulher e não a um homem, logo a resposta é de uma mulher o que sugere um enfrentamento entre mulheres com discursos ideologicamente diversos. O termo "Moça" também alude pureza, castidade, assim, é esboçado uma formação discursiva com a qual ocorre o questionamento, a contraidentificação. Além disso, a palavra também identifica de que lugar o sujeito do discurso fala, no caso da *fanpage* é utilizada a ideologia religiosa que prega a ideia de que a mulher deve preservar o corpo para uma relação conjugal, por isso usa-se "moça" ao invés de garota, jovem, menina, mulher. Perceba que essa palavra possui diferentes sentidos, como, por exemplo, a de uma mulher jovem, a de uma garota que se tornou mulher, dentre outros, entretanto, esse pré-construído passa pelo filtro da formação discursiva da religião e adquire apenas um sentido.

A pergunta "Você é machista?" aparentemente poderia ser substituído pela pergunta "você é antifeminista?", entretanto, apesar de haver uma linha tênue entre o termo machista e o termo antifeminista há uma diferença semântica que leva os sujeitos do discurso a acreditarem que a pergunta só pode ser dita daquela forma. A primeira indagação ecoa ainda mais provocativa que a segunda, já que, o sujeito que responde se as-

sume enquanto machista – ideologia sobre a qual o feminismo combate -, mas, ao mesmo tempo, seu posicionamento não é contra o feminismo em sua totalidade, mas com alguns discursos, sobretudo radicalistas, proferidos pela ideologia feminista, ou seja, eles concordam que as mulheres devam ter seus direitos respeitados, porém, discordam quando defendem a liberação do corpo feminino e destroem a estrutura familiar. Percebam que essas duas noções argumentativas do domínio feminista são discursos que vão de encontro ao que as religiões católica e protestante defendem. A estrutura da família representa a santa trindade: pai (Deus) – representado na figura do homem; mãe (Maria, mãe de Jesus) – representada na figura mulher e filho (Jesus Cristo). Observe que nessa representação e segundo a Bíblia, Maria, mesmo após estar grávida, permanece virgem, pura; daí a relação do corpo da mulher ter que se manter puro e casto e, a mulher que não segue essa regra ser vista como degenerada.

Note que a elocução usada na *fanpage* nos remeteu a outros discursos organizados no intradiscurso que se repetem, são refutados e transformados, portanto,

> toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega... Isto é: em relação às quais esta formulação produz efeitos de memória específicos. (COURTINE, 1981, *apud* INDURSKAY, 2008)

Dessa forma o sujeito busca no interdiscurso as formações discursivas que se adequam a sua forma-sujeito, entretanto, é preciso dizer que "a contraidentificação evidencia que a forma-sujeito não é dotada de unicidade e isto permite diferentes modos de com ela identificar-se e subjetivar-se ocorram" (INDURSKAY, 2008). E, igualmente, é consentido ao sujeito da *fanpage* distanciar-se e questionar a formação discursiva do feminismo sem com ela deixar, em algum momento, de identificar-se, isto é, permite ao sujeito que em uma dada condição de produção ele busque na formação discursiva do feminismo discursos que façam sentido e que lhe convenham. Estando no lugar da fronteira a forma-sujeito do sujeito do discurso tem a possibilidade de ver através dos poros, de modo, a ora identificar-se e ora contraidentificar-se com ambos os saberes. Diante disso, o termo antifeminismo pressupõe uma não aceitação plena da formação discursiva feminista, em vista do fato de não haver uma desidentificação, isto é, "uma tomada de posição não subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação-deslocamento da forma-sujeito". (PÊCHEUX, 1988, p. 163)

Como foi dito anteriormente, a elocução da página é usada como provocação, mas também, como afirmação de seu posicionamento diante da formação discursiva do feminismo. A resposta "Sim com muito orgulho" dada à pergunta provoca e questiona a ideologia feminista. Escrita dessa forma é como se afirmasse que é possível a uma mulher ser feliz e ter seus direitos respeitados mesmo se filiando a uma formação discursiva jugada como machista.

A pergunta estando direcionada a uma mulher também pressupõe algo que está subentendido, pois quando se pergunta a uma mulher se ela é machista imagina-se que esta irá dizer que não, entretanto, ao dizer "sim com muito orgulho" a resposta quebra com uma ordem, ou seja, ocorre aí uma ruptura e, naturalmente, isso é possível por causa da porosidade da língua que permite que formações discursivas possam concorrer entre elas, e os saberes provenientes de outro lugar possam penetrar em sua constituição. Se o Interdiscurso é esse "todo complexo com dominante" podemos considerar nesse todo complexo que dentre todas as formações discursivas que estão ali concorrendo, fica subentendido, a partir da pergunta feita a mulher, que tanto as formações discursivas da ideologia feminista quanto às da religiosa estão em conflito, sendo, entretanto, para este grupo virtual, a ideologia religiosa subjugada pela ideologia feminista, logo, a resposta dessa mulher pressupõe a afirmação de seu posicionamento estando no lugar de quem é oprimido, ou seja, o sujeito interpelado pela ideologia religiosa, diante da ideologia feminista que em muitos momentos discorda dos discursos religiosos, sente que sua forma-sujeito é desvalorizada e, portanto, seu direito de expressar seu discurso, partindo de tal ideologia, é desrespeitado; daí a *fanpage* "Moça, você é machista? Sim, com muito orgulho" ser qualificado pelo grupo como uma "causa". Ou seja, o objetivo da *fanpage* é defender uma causa. E, a causa da *fanpage* é defender o direito da mulher se identificar com os discursos religiosos e discursar sob sua base sem ser censurada.

Diante disso, apesar da construção fraseológica definir os limites das formações discursivas colocando a ideologia feminista como dominadora e a ideologia religiosa como oprimida, a *fanpage* tem como formação discursiva dominante a ideologia religiosa, nesse sentido, o sujeito do discurso é para ideologia religiosa um bom-sujeito, mas, para ideologia feminista um mau-sujeito. Contudo, não pense que sua forma-sujeito é homogênea, diferentemente do que parece a formação discursiva dominante faz parte apenas de uma identificação de uma das suas formas-sujeito, isto de acordo com o entendimento de Indusky:

> A identificação simbólica do sujeito com a formação discursiva se faz de forma fragmentada também, ou seja, o sujeito do discurso não pode mais identificar-se com a totalidade dos saberes da formação discursiva que o afeta. Esta identificação continua ocorrendo, mas apenas com uma parcela dos saberes desta formação discursiva. (INDURSKAY, 2008)

É nessa perspectiva que se afirma aqui neste artigo, que a forma-sujeito da *fanpage* perpassa pela intersubjetividade do falante, isso significa dizer que esta forma-sujeito é fragmentada, heterogênea.

5. O rei e seu provérbio: "Quem é rei nunca perde a majestade"

O provérbio "Quem é rei nunca perde a majestade" utilizado na *fanpage* "Moça, você é machista? Sim, com muito orgulho", surge aí para comprovar a ideia do grupo, argumentar, aconselhar, persuadir ou controlar condutas. Por meio da sinonímia esse provérbio reafirma as qualidades do homem numa sociedade que no contexto da *fanpage* deve continuar patriarcal. Ao colocar o verbo "ser" no presente do indicativo mostra que o homem ainda mantém sua autoridade perante a sociedade. O verbo ser colocado dessa forma, dentro do contexto aqui estudado, afirma o reconhecimento e aceitação do homem com o objetivo de não segregá-lo do contexto social contemporâneo e retomar algumas de suas qualidades. Já o verbo perder também conjugado no presente do indicativo sendo modificado pelo adverbio de negação "nunca", reassegura a condição do homem mostrando que este sujeito sempre terá espaço (no sentido de não ser segregado) nesta e nas sociedades posteriores.

Diante do exposto, observa-se que os administradores, enquanto sujeitos do discurso, buscam no arquivo da memória social um provérbio para estabelecer uma contraidentificação com a formação discursiva do feminismo que, segundo a formação discursiva da *fanpage*, põe o homem a margem de forma a colocar a relação homem/mulher em desarmonia e, consequentemente, se essa relação se encontra em desarmonia outros núcleos estabelecidos pela religião católica/protestante como a família também estão desajustadas.

Ao fundo do provérbio há a imagem de um leão surgindo da escuridão. Essa imagem obviamente traz a memória do rei da floresta que é uma ideia construída e alimentada desde a infância pelos contos, desenhos animados, filmes dentre outras simbologias sociais. É preciso dizer que a palavra rei pressupõe uma superioridade social, pois, é o rei quem manda é o rei quem tem poder de decisão, surge aí uma analogia entre a

ideia do rei homem e a ideia do rei leão ou o rei da selva. Nesse ponto da discussão pode-se considerar que nenhum discurso usado é novo, ao contrário, foram retomados, ou seja, fazem parte de um já-dito em algum lugar/tempo social.

O leão, em todas as representações simbólicas sociais, é trazido como o animal mais forte fisicamente e, por isso também, como aquele que detém a razão. Nesse sentido o leão representa a força em relação à mulher. Além disso, o comportamento do leão se assemelha à representação do homem perante a uma sociedade patriarcal. O leão não cuida dos filhotes ficando essa tarefa para as fêmeas é delas também a responsabilidade da caça, já aos machos cabe à demarcação do território, visto que isso assegura o espaço de caça que pode ser um pedaço de terra fixa ou uma manada de presas que o bando segue savana afora. Outro comportamento inerente ao leão é o de defender seu grupo de outros predadores.

Ao trazer a imagem simbólica do leão os sujeitos do discurso retomam a memória do interior do interdiscurso para contra argumentar as feministas. Mais uma vez, encontra-se estabelecido a ideologia religiosa que demarca os lugares e as responsabilidades do homem e da mulher. Tanto a figura do leão, quanto a figura do rei representam a superioridade do gênero. Eles constituem a força e o poder de decisão.

6. O punho

A foto de perfil da *fanpage* mostra a imagem de uma mão fechada simulando um "soco" foi utilizada na foto de perfil como um ato de resposta. Observe que a capa, a foto de perfil, o título e o provérbio estão interligadas, por isso dialogam entre si, pois, trata-se de uma hipermídia. Desse modo, a utilização da mão fechada de forma vertical é a representação simbólica do contragolpe aos discursos feministas, além disso, casa perfeitamente com o provérbio e a capa, visto que, ambos mostram que as representações sociais do homem e da mulher foram construídas historicamente, já que, ao retomar um proverbio conhecido que faz parte de uma memória social os administradores reforçam o enraizamento das representações clássicas do que é ser homem e o que é ser mulher e qual o lugar e o papel de cada um perante a sociedade. Além disso, essa representação é naturalizada ao utilizar o símbolo do leão cujas características são muito parecidas com a construção social da imagem do homem enfatizando dessa forma, onde é o lugar da mulher na sociedade. Sendo as-

sim, a imagem do murro na foto de perfil significa o xeque mate, ou seja, o termino da jogada ou da discussão com a consequente derrota do seu adversário.

7. Considerações finais

A memória é um elemento importante para a construção social e circulam nos grupos, nas organizações em todos os meios e espaços que há na sociedade. Sendo assim, ela está propicia a ser recuperada e de acordo com o contexto, ou, sobre as bases da análise do discurso, com as condições de produção podem ser reutilizadas e adaptadas. Neste trabalho podemos observar que as ideologias convivem numa constante batalha e isto representa as relações de poder, onde um quer sempre se sobrepor ao outro. Atualmente, com as novas configurações de relações sociais tendo sua comunicação mediada pelo computador e a internet e suas plataformas, os discursos correm com a rapidez de um piscar de olhos. Nesses espaços virtuais podemos perceber que pessoas se unem para lutar por valores antigos. Nessa perspectiva, com emancipação da internet, discursos e ideologias que antes estavam restritos à suas comunidades territoriais, hoje ganham o mundo muito mais rapidamente que dantes e com isso, temos, nesses espaços virtuais, vários artefatos para serem analisados, discutidos e por que não dizer diagnosticar a sociedade e suas formas de viver e entender o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL A; NATAL G; VIANA L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Comunicação Cibernética*. Porto Alegre, n. 20, dezembro de 2008, Famecos/PUCRS.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). *Práticas discursivas e identitárias*: sujeito & língua. Porto Alegre: Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008.

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.).

Memória e história na/da análise do discurso. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise do discurso. In: HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1990.

_____. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. *Discurso*: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

SANTAELA, L. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. / Hybrid discursive genres in the hypermedia era. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, vol. 9, n. 2, p. 206-216, ago./dez.2014. [Na versão em inglês da revista, está da página 211-221]